

Amigos “collorem” Brasília

Um grupo de ex-colegas de turma e contemporâneos de segundo grau de Fernando Collor reuniu-se com o candidato no final de setembro, constatou afinidades políticas e ideológicas e resolveu criar o movimento “Brasília Collorida”. O grupo extrapolou os limites do CIEM (Colégio Integrado de Ensino Médio), experiência pioneira da UnB nos anos 60, e hoje já reúne cerca de 150 pessoas preocupadas em garantir votos para Collor.

A diferença fundamental entre o “Brasília Collorida” e o trabalho comum dos comitês e grupos de apoio é que, para a grande maioria dos envolvidos, Fernando, como é tratado o candidato, é um velho conhecido de escola, clubes, bares, dos primeiros tempos de Brasília. E desses anos, final da década de 60, quando a população total do Distrito Federal ficava em torno de 300 mil, não faltam histórias para se contar.

Para o coordenador do movimento, o engenheiro Múcio Viana, Collor era um “estudante normal”, como todos eles, “um desportista, e já tinha participação política nos grêmios”. Desde aquela época — Collor esteve no CIEM de 66 a 68 — o candidato era um aficcionado do caratê.

Um fato curioso desses tempos foi o

acidente de carro que Collor sofreu, capotando um Puma em João Pinheiro (MG). Ao chegar desacordado ao Hospital de Base, bastante ferido, os médicos queriam operar as mãos de Collor, mas foi preciso a intervenção de um colega de escola para explicar que aqueles ferimentos eram resultado da prática de caratê.

O simples fato de pertencerem a uma mesma geração, e terem frequentado os mesmos bancos de escola, não seria suficiente para determinar o apoio dos colegas ao “Fernando”. A proximidade das eleições presidenciais levou naturalmente ao questionamento desses ex-alunos. Em torno do nome de Collor.

“Fizemos questão de conversar com ele para ver se aqueles valores democráticos de nossa formação no CIEM ainda valiam. Ele foi submetido a uma verdadeira sabatina”, explica Fernando Ramos da coordenação do “Brasília Collorida”, atualmente empresário do ramo imobiliário. A sabatina, numa segunda-feira à noite do fim de setembro, ocorreu na casa de Múcio Viana. Segundo ele, mais de 120 pessoas estavam presentes e o caráter do encontro foi bastante informal. Collor esteve lá por duas horas.

Um grupo de ex-alunos já vinha se

encontrando anualmente, no mês de abril, desde 87. A reunião do mês passado foi diferente, teve caráter político. Foram chamados somente os simpatizantes de Collor. Dali saiu o nome “Brasília Collorida”, escolhido justamente pelo caráter do movimento, ligado à cidade. A coordenação também foi definida: além de Viana e Ramos, estão à frente do grupo Newton Santana, diretor de uma empresa multinacional, e Walter Costa, empresário da construção civil. Múcio Viana é filho do ex-senador Aurélio Viana, de Alagoas, como Arnon de Mello, pai de Fernando Collor. Todos frequentavam as mesmas festas, os mesmos bailes de carnaval, os mesmos clubes — Iate e Congressinho — e a-missa das seis da tarde na Igrejinha da 307/308 Sul, aos domingos.

“Brasília era muito pequena, não havia muitas opções. Todo mundo ia aos mesmos lugares. Nós nos encontrávamos sempre na boite Caco e no bar Chalaco, no Gilberto Salomão, depois no bar Drugstore, também lá no Gilberto”, recorda Múcio Viana.

O grupo, que surpreendentemente se define como “independente e apolítico”, procura divulgar o nome de Collor e faz questão de defender o passado do ex-colega.